



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA



ALBERTINHO, O CAÇADOR

Para os leitores mais pequeninos
por ALDA NEVES

ERA um exímio e extraordinário caçador, o Albertinho:

Uma vez, levantou-se-lhe, quasi debaixo dos pés, um bando de cinco perdizes. Preparava-se para as matar quando verificou que se tinha esquecido dos cartuchos... — As perdizes riram-se imenso do caso e foram-se em boa paz.

De outra vez, foi uma familia completa de coelhos — um casal com cinco filhos — que lhe appareceu a menos de tres metros de distancia. Levou, rapidamente, a mão ao cinto, donde sacou dois cartuchos, mas, só então, reparou que se tinha esquecido da espingarda... — Os coelhinhos, ain-



da hoje, quando o vêem, se riem a bom rir, não se dando ao trabalho de fugir, sequer.

Ainda, noutra ocasião, mesmo por cima da sua cabeça, passou um bando de pombos bravos. Desta vez, porém, faria, com certeza, uma boa caçada... mas tinha-se esquecido da espingarda, dos cartuchos e... dos óculos... E os pombinhos, esvoaçando em redor do Albertinho — *exímio caçador* que apresento aos leitorzinhos do «Pim - Pam - Pum» — cantaloravam:

Dão-me lá, caçador:
Que é da tua caçadeta?
Talvez a tenhas perdido
lá na quinta da Romceira!

FIM

Aventuras extraordinarias de José e Toninho

Por JAIME CARDOSO SAMPAIO DE ANDRADE

Desenhos de A. CASTAÑÉ

Continuado do número anterior

— A minha admiração é grande por encontrar nestes domínios desconhecidos, um ente da minha raça...

— Menor não é a minha, por ver uma criança nestes sítios... Pobre de ti! Como te chamas?

— Toninho.

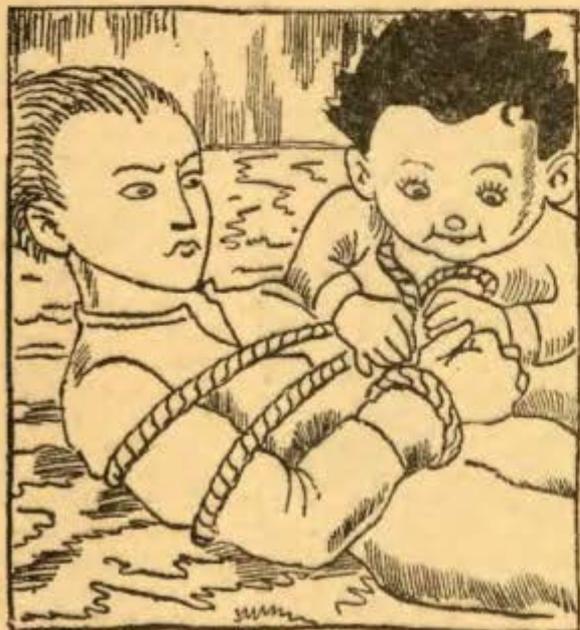
— Eu sou o príncipe Orloff. Andava explorando estes sítios quando mataram os meus soldados e me fizeram prisioneiro. A minha sentença já está pronunciada. Vão cortar-me aos bocados e, em seguida, comer-me.

— Que horror! Será essa, também, a sorte que me espera?!

— Escuta, Toninho. Tive uma ideia desde que tu entraste. Vê se chegas até mim e desatas as cordas que me prendem as mãos.

O pequeno assim fez; não sem custo e sacrificio, pois já as suas unhas vertiam sangue. Mas escusado será dizer que não foi difícil ao príncipe acabar de desatar as cordas, bem como libertar o pequeno.

A entrada da cabana era guardada por uma sentinela. Todavia, como aquela era de palha, fizeram uma pequena abertura, no lado posterior, por onde saíram.

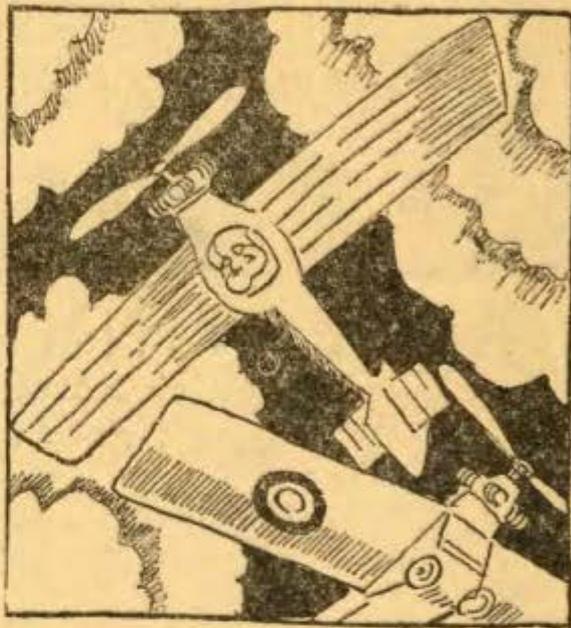


Mal tinham dado alguns passos, um alarido enorme se ouviu no acampamento. Os prêtos tinham dado pela fuga.

— Para a frente! — bradou o príncipe. Se alcan-

çarmos a floresta, estamos salvos! Talvez encontremos, ainda, alguns soldados meus que se tenham refugiado!...

Contudo, a floresta ficava longe e os prêtos aproximavam-se cada vez mais.



Tanto o príncipe como Toninho já estavam dispostos a entregar-se aos temíveis perseguidores, quando a lua, aparecendo entre as nuvens, fez brilhar um objecto que estava no chão, a pequena distância.

Era uma espingarda.

Ali perto, havia uma elevação de terreno que podia servir-lhes de trincheira.

Mãos à obra!

Ao primeiro tiro, caiu um prêto, espalhando-se entre eles um pânico terrível. Mas logo, ainda mais enraivecidos, carregaram as suas flechas sobre os brancos que, felizmente, não acertaram.

A situação, porém, tornava-se insustentável para os dois heróis; os prêtos engrossavam duma maneira extraordinária, como se brotassem da terra...

E, dentro dalguns minutos, o príncipe e o pequeno eram novamente feitos prisioneiros e levados para uma barraca mais sólida.

O resto daquela noite decorreu sem peripécias. Na manhã seguinte, ainda o sol não rompera

Dom Beu-Beu ladra às canelas

Por **AUGUSTO DE SANTA-RITA**



Dom Bêu-Bêu Ladra-às-canelas, era um cãozinho teful, que tinha raiva às cadelas ou cachorros sem costelas de fidalgo ou sangue azul.

Um dia, vendo um rafeiro, sem coleira e sem corrente, diz-lhe com ar sobranceiro, e com modo zombeteiro, muito desdenhosamente:

«Causas-me dó, pobrezinho, andas na vida sem lêmã; nunca usaste um colarinho?!...»

Volve-lhe o outro cãozinho:

—«Sou livre; não tenho algêma!»

F i m

nem a sua claridade, sequer, se pressentia, dois pretos colossais, entraram na barraca e levaram os dois prisioneiros brancos para um amplo recinto onde, a meio, já se erguiam dois postes de madeira, a que foram atados.

Em seguida, diante deles, desfilou um cortejo numerosíssimo de negros, ao som de batuques e num alegre festim de danças macabras.

A' ordem do rei, formou-se um círculo em redor dos condenados, e os pretos, de grande corpulência, encaminharam-se para os desgraçados, com uma espécie de foices nas mãos.

Nisto, misteriosamente, apareceu no azul do firmamento um enorme pássaro, muito exquisito, fazendo inúmeras cabriolas sobre o acampamento dos negros; estes, julgando tratar-se dum deus maligno, debandaram espavoridos e gritando como loucos.

— José! José! — gritou Toninho, animando-se e chorando de alegria. Vens salvar-nos?! Bemdito sejas!...

Mas o aeroplano, de repente, subiu a uma altura extraordinária, confundindo-se com as nu-

vens; depois, voltando-se para baixo, parecia que se vinha despedaçar de encontro à terra.

Toninho, julgando tratar-se dum desastre, deu um grito lancinante e perdeu os sentidos.

Quando voltou a si, encontrava-se a bordo do aeroplano, acompanhado do seu irmão e do príncipe, em direcção ao Continente Português.

Não podereis imaginar, pequenos leitores, a imensa alegria que sentem um pai e uma mãe, ao verem regressar, cobertos de glória, dois filhos que consideravam perdidos para sempre!

Lêstes este conto? Pois ficai sabendo que o príncipe Orloff, salvo por Toninho e José, se fez um amigo inseparável destes; dedicou-lhes grandiosas festas e, mais tarde, quando já homens, ofereceu-lhes um aeroplano que era, então, «verdadeiro» e que lhes permitiu tornarem-se uns arrojados e célebres aviadores.

F I M

NATALINHA

POR ALDA NEVES

Desenhos de A. Castañé

NATALINHA é uma linda e interessante gaia-tinha de onze anos, de boníssimo coração, porém, muito ladina.

Encontrava-se, um dia, Natalinha na sua quinta, onde foi surpreendida por uma grave doença de que, milagrosamente, se salvou.

Já em franca convalescença, encontra-se ela agora fazendo o repouso a que é obrigada por prescrição médica, vigiada pela boa mãezinha a quem, talvez mais do que á medicina, deve a sua salvação, pelos desvelos e carinhos de que sempre a rodeou.

O repouso obrigatório é de duas horas, mas ainda não está decorrido o primeiro quarto d'hora, já ela, impaciente, começa perguntando se pode levantar-se, se pode ir brincar. E a mesma pergunta — «Mãezinha, posso ir brincar? Não posso, minha mãezinha?!» é repetida de cinco em cinco minutos.

A boa Mãezinha com aquela paciência que é segredo das mães, respondia-lhe sempre, invaria-



velmente: — «Ainda não, querida; não te impacientes porque, assim, para nada te servirá o repouso».

Terminou, finalmente, aquele século de duas horas. Natalinha salta ligeira da sua cadeira e corre, quinta fóra, parando apenas junto duma velha e enorme talha mourisca, na qual pretende meter-se. Então, a mãezinha, sempre atenta e vigilante, recomenda-lhe:

— «Não faças isso, Natália! Olha que te podes magoar!». Mas a ladina insiste e mete-se dentro da talha. Poucos instantes decorridos, Natalinha solta gritos aflitivos de dor. A mãezinha corre para ela e ajuda-a a sair da talha, averiguando a causa da aflicção da filhinha querida. E' que Natalinha tinha sido atacada e mordida por um vespeiro que tinha feito a colmeia dentro da talha.

Hoje, Natalinha, á mais pequena observação da mãe, apressa-se a obedecer-lhe, compreendendo que são sempre úteis, e se devem seguir, todas as observações e conselhos das mães.

■■■ ■■■ ■■■ FIM ■■■ ■■■ ■■■

CORRESPONDENCIA

Manuel J. Lopes (Certá). — Os versos estão muito fraquinhos. Estuda e virás a fazê-los melhor. Agradeço o problema que me é dedicado, mas sinto não poder publicá-lo. Um camião de abraços!

Júlio Fernandes (Santarem). — O carro de bois será

publicado porque está bomzinho; o outro desentro é que não honra o autor do primeiro...

Lili D. R. e Arnaldo Dias Ribeiro (Lisboa). — Minha querida Lili, a história da avózinha é muito engraçada, mas aqui para nós, que ninguém nos ouve, está ainda muito fraquinha. Estuda e depois farás lindas histórias para o «Pim-Pam-Pum». Cá as espero. Sobre os desenhos, acho muito mais interessantes os do teu mano porque são originais. Um comboio de mercadorias carregados de beijos para os dois.

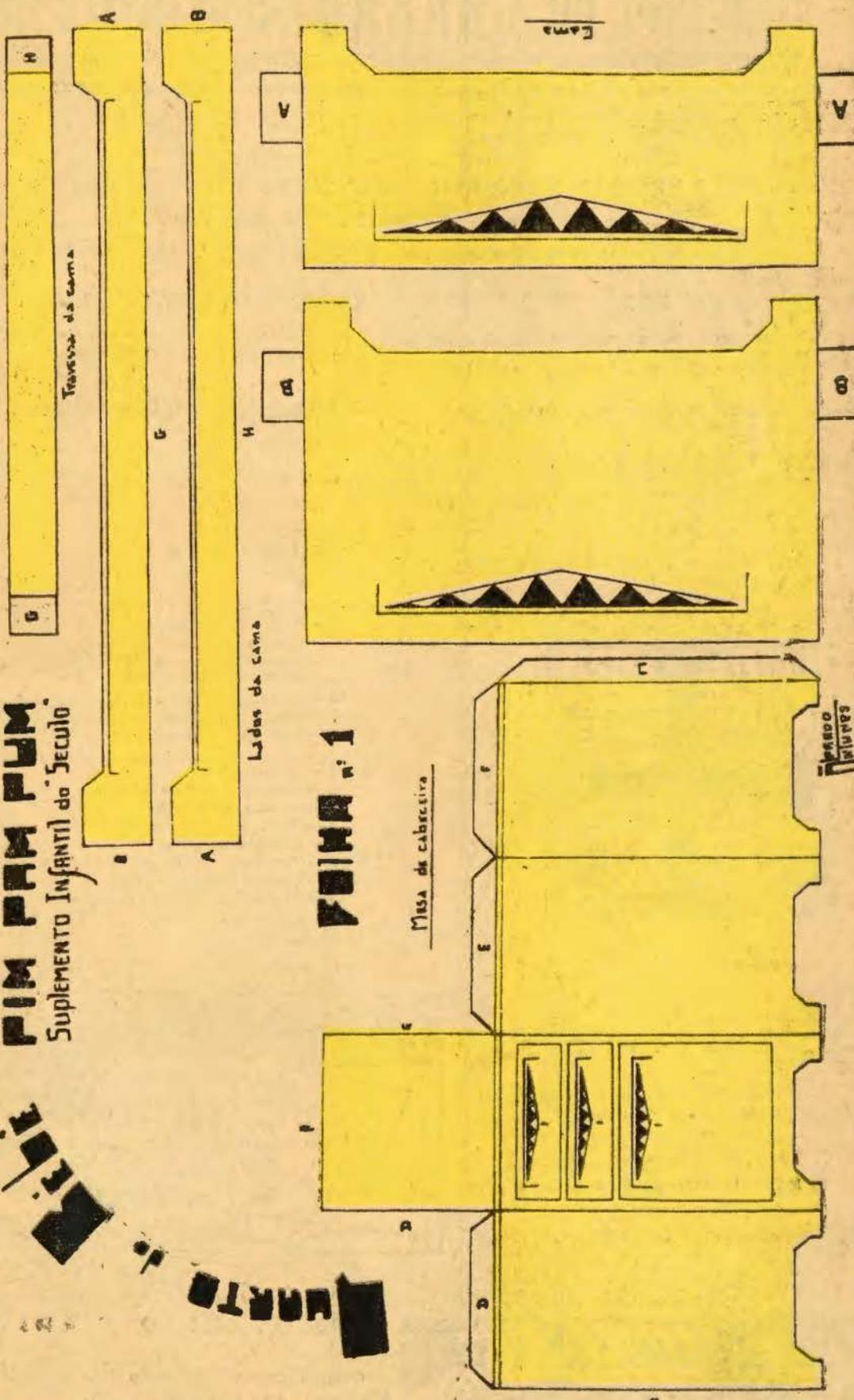
TIO TONIO

CONSTRUÇÃO PARA ARMAR

(Vide página 7)

FIM PAM PUM
Suplemento Infantil do "Seculo"

WERTON & BROS.



1º CONCURSO de CHARADAS e ADIVINHAS

QUADRO DE HONRA

Quais serão os felizardos que figurarão neste quadro de honra?

CHARADAS EM FRAS

1.ª — Vi o utensilio doméstico, na bebida de um governador turco. 1-1

UM DE BEJA

2.ª — Aquí há pouca constança na bebida. 1-1

ZÉ

3.ª — Este vestuário não é coisa insignificante em território africano. 2-2

PAIPES

CHARADAS SINCOPADAS

4.ª — Este aparelho de fumar tem uma ponta comprida. 2

5.ª — No oriente conheci esse grande mestre. 2

PAIPES

CHARADAS AUMENTATIVAS

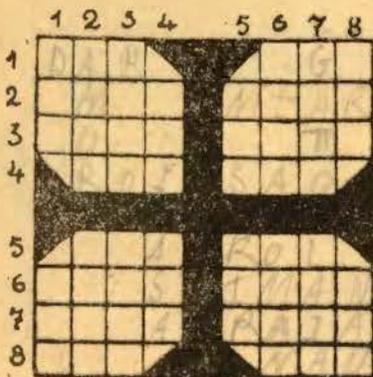
6.ª — O edificio come-se. 3

UM DE BEJA

7.ª — Há hortaliça perto deste rio.

ZÉ

8 — PALAVRAS CRUZADAS



HORIZONTAIS — 1 — Dear, três letras de droga

2 — Nome do homem, dar mios

3 — Epigrafe, pedra

4 — Rei em francês, santo

5 — Pedra, lista

6 — Terra portuguesa, ferro magnético

7 — Transfere, peixe

8 — Segulas, navio

VERTICAIS — 1 — Dádiva, parente

2 — Afeição, nome de mulher

3 — Animal, da árvore

4 — Chefe, membro de ave

5 — Conjunção, trocar

6 — Nome de mulher, golfo da Asia

7 — Animal doméstico, espécie

8 — Pedra de altar, embarcação

PAIPES

9 — UMA ADIVINHA

Este bicho que vos apresentamos, é constituído por animais diferentes.

Podem dizer-nos que animais são?



10 — PROVÉRBIO A ADIVINHAR

Quando estava escrevendo este provérbio sem querer, entornou-se-me o frasco da tinta, por cima.

Podem os leitoresinhos indicar-me de que provérbio se trata?

HORA DE RECREIO

CONSTRUÇÃO PARA ARMAR QUARTO DO BÊBÊ «PIM PAM PUM»

A pequena mobília que hoje tendes na vossa frente, é de bem simples construção, estando, por isso, na possibilidade de todos os queridos leitores poderem fazê-la, sem qualquer dificuldade; no entanto tomai atenção:

Colocam-se em cartolina as folhas que, sucessivamente, o «Pim Pam Pum» fôr publicando; depois recortam-se, com cuidado, todas as peças e, após este trabalho, dobram-se, colando-se, em seguida, segundo as respectivas letras. Exemplo: A com A, B com B etc. etc.

Se os leitores entenderem, poderão colocar espelhos no «Guarda-vestidos» e psyché.

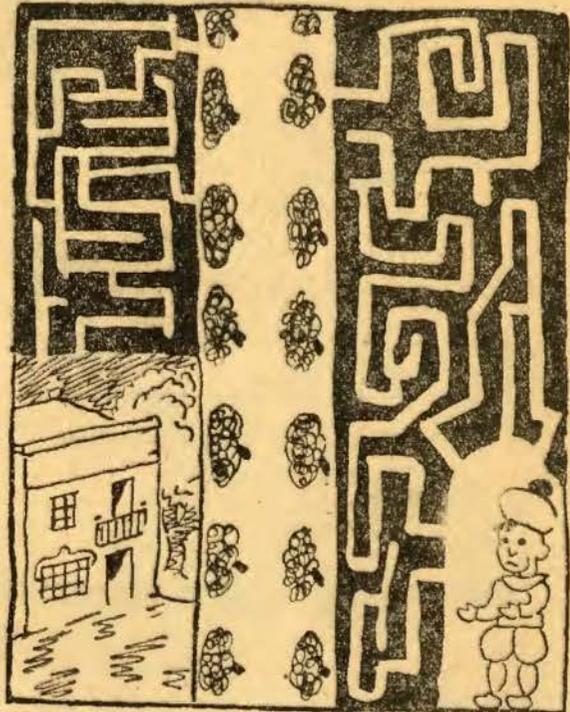
ANEDOTAS

No Colégio:

- «Ouve lá, Chiquinho! Poderás citar-me um mamífero que não tenha dentes?»
- «Fosso, sim senhor. O meu irmãozito que nasceu há oito dias.
- «Vamos, Carlitos, resolve lá este problema: — Se tua mãe comprar dois quilos de doces, a dois mil réis cada quilo, quanto terá de pagar?»
- «Não sei, senhor professor.
- «Quatro mil réis; homem! Não sejas estúpido!»
- «Isso creê o senhor professor, porque não sabe que a minha mãe regateia sempre.

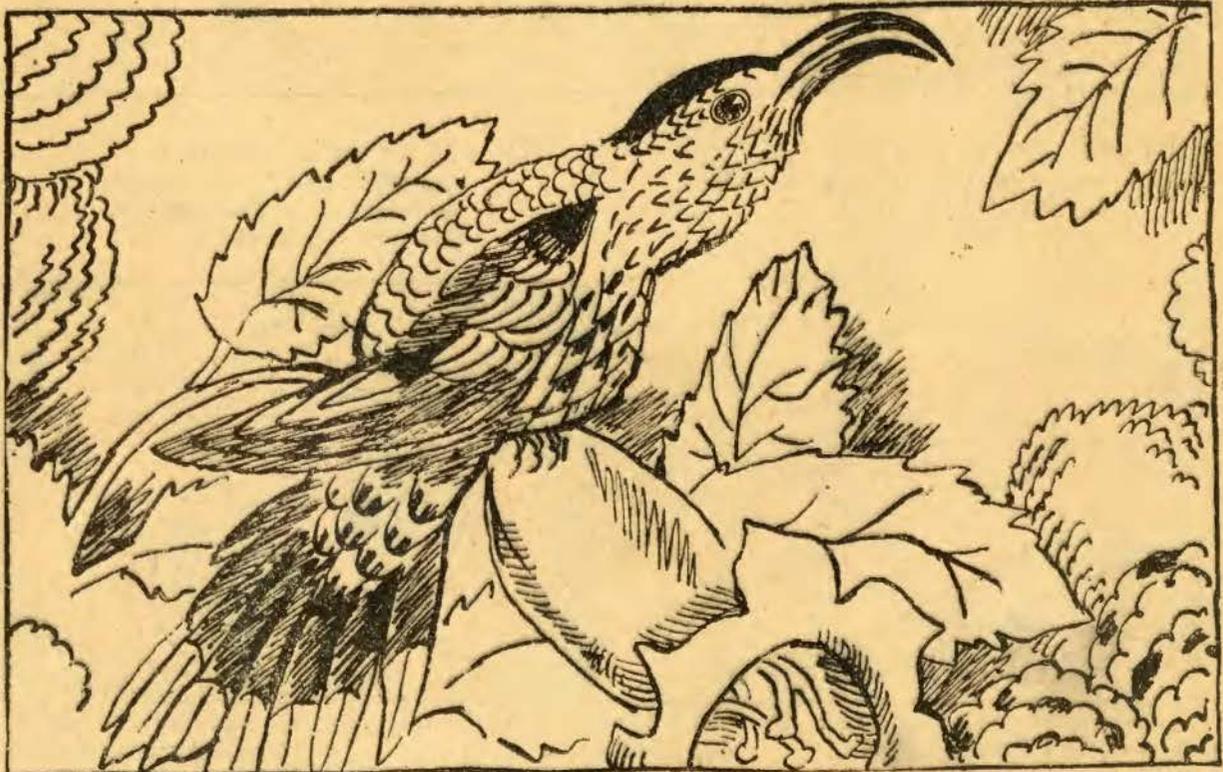
Armando Gonçalves Rosa

ADIVINHA



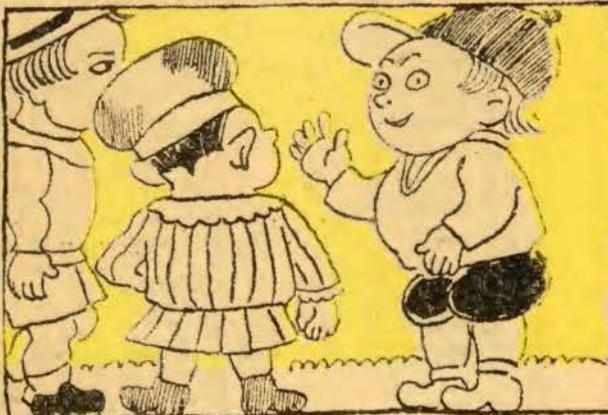
MEUS MENINOS: — Este menino perdeu-se. Saberão os leitores ensinar-lhe o caminho da sua casa?

PARA OS MENINOS COLORIREM

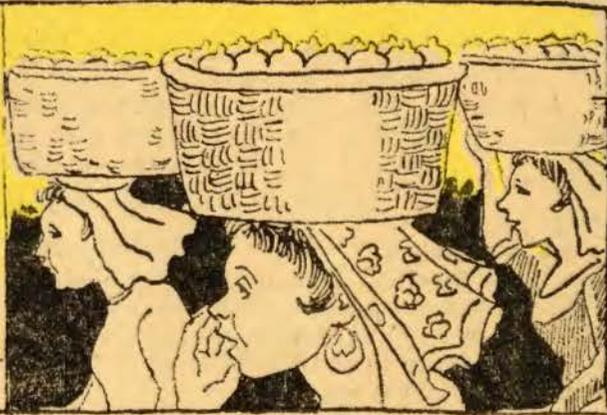


O COLIBRI — AGUIA

CONVERSA DE MENINOS



I — Rui, Chico e Zé, sempre às telmas,
três meninos, nada tolos,
falam de frutas, de bolos,
e de várias guloseimas.



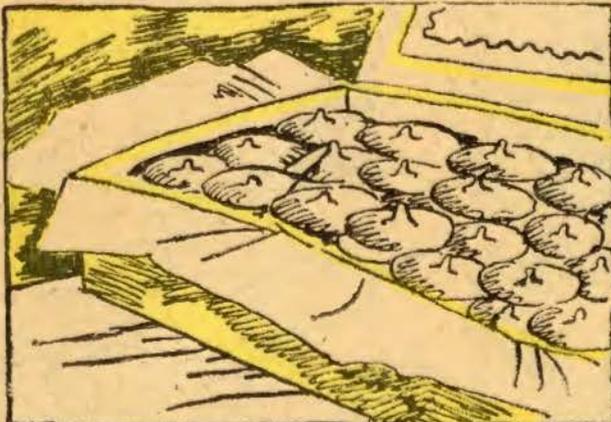
II — Em conversação diversa,
discutem os três amigos...
Rui, que gostava de figos,
Trás esta fruta à conversa.



III — «Os figos de capa rôta,
— (diz êle) — lembram-me um nobre,
ou, antes fidalgo pobre,
sem armadura nem cota!»



IV — Zé, um dos três demonicos,
diz, então: — «O' seus bacocos,
conhecem os de Marrocos?!,...
São figos com muitos picos!»



V — Volve um dos mais badamecos:
— «Qual a figueira que dá
figos de caixa? O papá
chama, a êstes, figos sêcos!»



VI — «Essa não sei; sei lá qual!
(diz Zézinho, por dizer)
mas sei da que dizem ser
a melhor de Portugal!...»

VII — «E essa qual é?!» diz, após,
muito importante, o Chiquinho
Responde, então, o Zézinho:
— «E' a Figueira da Foz!»